

02

CADERNOS DE FORMAÇÃO

ESTUDO PRELIMINAR DA
REALIDADE LOCAL:

resgatando o cotidiano



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....7

I - INTRODUÇÃO.....8

II - ELEMENTOS PRÉVIOS PARA UM QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICA13

III - ESTUDO PRELIMINAR DA REALIDADE LOCAL: BUSCA DE INFORMAÇÕES E COLETA DE DADOS.....20

IV - ESTUDO PRELIMINAR DA REALIDADE LOCAL: ALGUNS INDICADORES PARA A ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES E DOS DADOS.....43

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO FIM DESTES CA DERNO PARA O COMEÇO DO TRABALHO NA ES COLA.....59

BIBLIOGRAFIA.....61

"A realidade é uma coisa diferente e muito mais rica do que aquilo que está codificado na lógica e na linguagem dos fatos (...). O pensamento corresponde à realidade somente na medida em que transforma a realidade ao captar e decifrar sua estrutura contraditória (...). Compreender a realidade significa portanto, compreender o que as coisas realmente são e isto implica, por sua vez, na recusa de sua simples facticidade".

MARCUSE

(in Brandão, Carlos Rodrigues - Pesquisa Participante, Editora Brasileira)

"... as coisas estão no mundo só que eu preciso aprender..."

(Paulinho da Viola - Coisas do Mundo, Minha Nega - LP Bienal do samba - Phillips - 1967)

"É nisto que reside a questão central do dilema moderno. Não podemos voltar à alquimia ou ao animismo - pelo menos isso não parece provável. Por outro lado, não podemos permanecer com este mundo triste, de frieza científica, controlado por computadores, ameaçado por reatores nucleares. É preciso desenvolvermos algum tipo de consciência holística ou participante - e uma formação sócio política correspondente - se desejamos sobreviver enquanto espécie genuinamente humana".

(Morris Berman - The Reenchantment of the world. Cornell University Press - 1981. Excertos da introdução. Tradução e adaptação de Gilberto Cotrin in Fundamentos da Filosofia para uma Geração Consciente, Editora Saraiva, São Paulo, 1ª edição, 1986).

APRESENTAÇÃO

Eis o caderno de formação número dois da série Ação Pedagógica da Escola pela Via da Interdisciplinaridade. Como estava previsto na apresentação inicial, esta série teria sua continuidade determinada pela necessidade de aprofundamento, acompanhamento e implementação da proposta.

Contamos para a elaboração do presente texto com o registro do trabalho desenvolvido pelas escolas-piloto e equipes dos NAEs.

Ao longo da descrição do processo do Estudo Preliminar da Realidade Local apresentaremos algumas sugestões práticas de encaminhamentos.

I - INTRODUÇÃO

O Movimento de Reorientação Curricular prevê e pressupõe opção da unidade escolar por uma ação pedagógica, seja através de um projeto próprio, seja engajando-se na proposta da interdisciplinaridade. Em ambos os casos, numa perspectiva da organização da ação da escola de forma crítica, a questão do estudo da realidade local e a concepção de currículo embasam e contextualizam esse trabalho.

A concepção do currículo como uma teoria crítica (1), objetivando a uma construção no processo, desmonta mitos das pedagogias neutras: não há relação entre educação e sociedade; esta está dada e ao sujeito aprendiz cabe apenas co-

(1) A esse respeito ver especialmente o capítulo 2, Quadro Referencial Teórico, do livro A Construção do Currículo na Sala de Aula: o professor como pesquisador, de Teresinha Maria Nelli Silva, em que a autora descreve comparativamente a questão da organização curricular na escola através do paradigma do currículo como ciência crítica e como ciência natural.

nhecê-la; os conflitos existentes são harmoniosamente absorvidos.

Uma nova leitura destes mitos impõe-se como necessária e vital. A educação não é neutra e tem uma relação intensa com a sociedade que a organiza, havendo entre elas um acordo tácito de reprodução das desigualdades sociais, ainda que seja possível intervir na e resistir a essa reprodução (2).

A reorientação curricular proposta por esta administração pressupõe rever essa relação e ampliar os núcleos de resistência para pensar e produzir uma sociedade mais justa. Paralelamente, existe a necessidade de se resgatar a identidade do educador que estará atuando nessa escola, não como um ser acrítico, mas como aquele que é sujeito de sua prática, agente da história de seu tempo e da escola de

(2) Michael Apple e Henry Giroux em sua obra recente, nesta década de 80, tratam mais detalhadamente da questão da relação ideológica existente entre educação e sociedade e das possibilidades de resistência da escola.

seus educandos. Os conflitos advindos da própria escola, da sociedade e da relação entre ambas, diferentemente de serem absorvidos harmoniosamente, devem fazer parte do cotidiano do currículo escolar e serem entendidos como objeto de aprendizagem. Dessa forma, a sociedade não pode ser percebida como simplesmente dada, ela é construída. Assim sendo, não podemos nos colocar como meros constatadores da sociedade, mas saber sermos seus próprios sujeitos constitutivos e construtivos. Nessa perspectiva, a realidade local deve fazer parte do currículo escolar, enquanto objeto de indagação, reflexão e trabalho.

Estamos, pois, propondo uma mudança de foco na questão curricular: do currículo tecnicista, visto como grade, relação de matérias, rol de conteúdos, métodos e técnicas, organizado em gabinetes, para o currículo crítico, com um sentido mais amplo, que perpassa todas as ações da escola, onde se inserem necessariamente a questão da ideologia, do conhecimento e do poder, currículo possível de ser construído na e pela escola. Isto não implica descartar os co

nhecimento a que a escola tem obrigação de dar acesso, mas revitalizá-los pelo saber, trabalho do pensamento que esclarece a experiência e pode por isso mesmo ajudar a enriquecê-la. Nesse processo se encontra a proposta da interdisciplinaridade e se justifica a investigação da realidade local, como força presente e necessária à construção desse novo currículo para a escola. A presença das relações sociais na vida da escola, como objeto de reflexão e conhecimento, levará a mudanças, num primeiro instante, na realidade local da própria escola e, num momento posterior, num contexto mais amplo. Politicamente, essa postura possibilitará a organização dos educadores em um todo coletivo. Coletivo este que não anula cada indivíduo, mas que o reconhece como produtor crítico de conhecimento e não o concebe mais como um sujeito isolado, mas como alguém que junto com o outro constrói uma nova prática. Essa nova prática levará a escola a rever sua estrutura criando novos espaços, eventos e instâncias de decisão atenuando a força que a estrutura buro

crática hoje assume, muitas vezes impedindo a viabilização de novas propostas.

O conhecimento e a reflexão da realidade imediata são o primeiro passo para a construção de uma nova qualidade de ensino e o estudo da realidade local é a questão que cabe agora ser analisada.

Alguns elementos para um quadro inicial de referência teórica, os procedimentos metodológicos para a coleta e registro dos dados da realidade e para a leitura analítica desses dados serão discutidos nas páginas seguintes.

II - ELEMENTOS PRÉVIOS PARA UM QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICA

Se assumirmos que a educação transformadora tem o compromisso de compreender a realidade, desocultando, "desopacizando" a ideologia dominante, o estudo desta realidade passa a ter um papel de destaque. Partir da realidade próxima é um caminho que permite ao educando e educador compreender a vida cotidiana em seus múltiplos aspectos.

Lembramos aqui a posição de Agnes Heller (3) ao destacar que a vida cotidiana é a vida de "todo homem". Todos a vivem, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho. Por outro lado, a vida cotidiana é a vida do "homem inteiro", ou seja, o homem nela participa com todos os aspectos de sua individualidade. Faz-se necessário enfatizar que no cotidiano das pessoas o individual e o social estão sem-

(3) Heller, Agnes. O cotidiano e a história. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1972

pre imbricados. Compreender e explicitar essa relação são fundamentais para o avanço da discussão. É preciso entender que a dicotomia entre o individual e o social leva, por vezes, à defesa de uma posição individualista negando os interesses sociais ou, ao contrário, acaba submetendo os interesses sociais aos interesses individualistas.

Paulo Freire (4) assim se expressa, referindo-se a essa relação entre indivíduo e sociedade:

"A compreensão do social é sempre determinada pela compreensão do individual. Nesse sentido, a posição individualista atua contra a compreensão do verdadeiro papel da ação humana. A ação humana só tem sentido e prospera quando se compreende a subjetividade em sua relação dialética, contraditória e dinâmica com a objetividade, da qual ela provém".

Podemos destacar, neste elenco de ele-

(4) Freire, Paulo e Macedo, Donald. Alfabetização - leitura do mundo - leitura da palavra, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1990.

mentos prévios para um quadro de referência teórica que o estudo e a compreensão da realidade, entendidos como uma possibilidade de inserção no presente, são fundamentais para se fazer história. Recorrendo novamente a Paulo Freire, quando discute com Donalddo Macedo, em sua mais recente publicação sobre alfabetização, encontramos (5):

"Uma geração herda condições concretas numa dada sociedade. A partir dessa situação concreta, histórica, é que uma geração considera possível dar seqüência a continuidade da história. Contudo, a geração atual tem que trabalhar e aperfeiçoar para a transformação das atuais condições concretas, porque, sem esse esforço é impossível construir o futuro. Se as condições atuais são fundamentais, o presente não contém em si o futuro.

Por essa razão, o presente é sempre um momento de possibilidade... Isto é, a construção da história tem que tomar em considera-

(5) Freire, Paulo e Macedo, Donalddo. Alfabetização - leitura do mundo - leitura da palavra, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1990.

ção o presente que vem de um determinado passado, as linhas básicas desse presente que demarcam a construção da história".

se, de uma lado, podemos falar dessa necessária compreensão da realidade, por outro lado, devemos assumir que educação é uma prática social que contém uma intencionalidade. A intencionalidade da educação que propomos é a transformação social, evidentemente, compreendida e articulada no contexto e no limite das demais práticas sociais.

A educação, assim definida, coloca-se numa perspectiva emancipadora, ou seja, oportunizadora da libertação dos sujeitos sociais de condicionamentos deterministas, tornando-os sujeitos ativos de seu processo histórico.

Nesses termos, a educação clarifica a sua dimensão política que exigirá a tomada de consciência da realidade sócio-político-cultural, sua compreensão, seu desvendamento, a fim de que se possa enfrentar conflitos e contradições do presente, no caminho para uma sociedade democrática, justa, solidária.

Complementarmente à dimensão política, cabe a explicitação da dimensão pedagógica. Nesse momento adentramos o terreno do conhecimento, do saber. Cumpre um posicionamento a respeito de como entendê-lo como mediação no ato ensino-aprendizagem e de como selecioná-lo, já que todo o conhecimento escolar implica em uma seleção.

Rejeitamos a concepção bancária de educação que se define como sinônimo de transferência do conhecimento que é captado e compreendido pelo educador e, em seguida, depositado nos educandos, por considerarmos que não existe um saber feito e acabado e por entendermos que o saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática. A educação é portanto, um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem.

Essa perspectiva pedagógica aponta para uma prática que parte da situação vivida pelos educandos como um problema que os desafia.

De início descartamos uma relação con-

vencional onde informações, conceitos, definições e classificações são verbalizados e memoristicamente apreendidos na esperança de que um dia possam ser aplicados à prática.

"O que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação"(6). Essa in cursão da realidade permite uma aproximação do concreto para desvendá-lo. O estudo da realidade não pode e não deve ser confundido, em momento algum, com uma apreensão "focalista" estagnada da realidade. Ao contrário, deve permitir o aparecimento das múltiplas relações com a totalidade que o fenômeno contém, uma vez que no particular se reflete o geral.

A relação que se propõe, tomando a prática como base real do conhecimento, significa mu

(6) Freire, Paulo. "Pedagogia do Oprimido", Editora Paz e Terra, 18ª Edição, 1988, Pág. 86.

dar para uma trajetória político-pedagógica que parte da realidade particular próxima, que gera fatos concretos (linguagem, conceituação, conflitos, anseios, esperanças) que transita para o contexto teórico, no sentido de que haja apropriação/recriação desses fatos mediatizados pelo conhecimento, que implica compreensão em níveis cada vez mais profundos e elaborados da essência e das relações desta realidade, e que retorna a essa realidade. Esse movimento dialético teoria-prática torna possível a articulação do particular e do geral, integrando de forma organizada e articulada a compreensão científica e técnica ao significado social.

III - ESTUDO PRELIMINAR DA REALIDADE LOCAL: BUSCA DE INFORMAÇÕES E COLETA DE DADOS

O caminho escolhido para este estudo preliminar da realidade local se inspira nos princípios, métodos e técnicas da pesquisa participante. (7) A pesquisa participante situa-se na linhagem das pesquisas que trabalham preferencialmente com dados qualitativos. Nela o observador participa se observando e o observado participa também como observador. Utiliza com flexibilidade diversas técnicas e instrumentos de coleta de dados que constrói e reconstrói no processo. Trata-se de uma opção pela não neutralidade da educação e pela observação constante do contexto. É um caminho opcionalmente político que estabelece uma relação viva e dinâmica

(7) Uma leitura mais atenta a respeito de pesquisas no cotidiano escolar poderá ser feita nos textos "Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos" e "A pesquisa no cotidiano escolar" de Marli E. D. A. André e "Pesquisa Participante" organizado por Carlos Rodrigues Brandão.

entre a escola, a especificidade de seu trabalho e a sociedade, a partir das relações e condições de vida e trabalho. Essa aproximação direta com a "comunidade", sem intermediários, certamente resultará num rico processo mútuo de conhecimento. Sujeitos participantes, o pesquisador e o pesquisado, ambos leitores de suas realidades, poderão ajudar-se reciprocamente com vistas a uma ação de duas mãos de direção: a melhoria da qualidade do ensino que a escola oferece revitalizado por sua relação com a sociedade e o desenvolvimento de uma consciência social crítica por parte da "comunidade", cujas condições de vida e trabalho a escola ajuda a ler e a transformar.

Busca de informações e coleta de dados

A busca de informações e a coleta de dados é um momento muito importante desta proposta, uma vez que ambas viabilizam o desencadeamento da ação pedagógica coletiva e interdisciplinar, constituindo-se como ponto de partida

e matéria prima do processo educativo.

Este estudo envolve a "comunidade" escolar e a "comunidade" local num processo de autoconhecimento e reconhecimento mútuo. O estudo não deve se limitar a uma simples forma de ação (ativismo) ou à busca do que já se sabe e da constatação do que já é conhecido, mas deve trazer em sua prática um constante questionamento das observações realizadas, uma constante interrogação da realidade. Realidade esta entendida como fatos e dados tomados em si mesmos e como a percepção que a "comunidade" envolvida tem deles. A esse respeito, veja o que diz Freire (8);

"Para muitos de nós, a realidade concreta de uma certa área se reduz a um conjunto de dados materiais ou de fatos cuja existência ou não, de nosso ponto de vista, importa constatar. Para mim, a realidade concreta é algo mais que fatos ou da

(8) Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a Fazê-la melhor através da ação. Paulo Freire, in Pesquisa Participante, org. Carlos Rodrigues Brandão, 4ª edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

dos tomados mais ou menos em si mes-
mos. Ela é todos esses fatos e to-
dos esses dados e mais a percepção
que deles esteja tendo a população
neles envolvida. Assim, a realidade
concreta se dá a mim na relação dia-
lética entre objetividade e subjeti-
vidade. Se me preocupa, por exemplo,
numa zona rural, o problema da ero-
são, não o compreenderei, profunda-
mente, se não percebo, criticamente,
a percepção que dele estejam tendo
os camponeses da zona afetada. A mi-
nha ação técnica sobre a erosão de-
manda de mim a compreensão que dela
estejam tendo os camponeses da área.
A minha compreensão e o meu respei-
to".

Karel Kosik (9) assim se manifesta sobre este assunto:

"Se a realidade é um todo dialético e estruturado, o conhecimento con-
creto da realidade não consiste em
um acrescentamento sistemático de
fatos a outros fatos, e de noções a
outras noções. É um processo de con-
cretização que procede do todo para
as partes e das partes para o todo,
dos fenômenos para a essência e da

(9) Dialética do Concreto. Karel Kosik, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 5ª edição, 1989.

essência para os fenômenos, da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade; e justamente neste processo de correlações em espiral no qual todos os conceitos entram em movimento recíproco e se elucidam mutuamente, atinge a concreticidade".

Apesar de reconhecermos que "comunidade" local e "comunidade" escolar não são, nem estão, desvinculadas uma da outra, propomos procedimentos diferenciados na busca de informações e coleta de dados.

1. A busca de informações e a coleta de dados na "comunidade" escolar

As problematizações já realizadas pelas escolas (professores e alunos) fornecem um rico material de análise. sendo assim é importante retomá-las e ampliá-las nas questões que não foram abordadas ou aprofundadas anteriormente pela escola. Além disso, uma leitura atenta do Documento nº 2 do Movimento de Reorientação Curri

cular (10) se faz necessária para uma comparação e contraposição da problematização da escola com a análise que sintetiza a problematização da Rede Municipal de Ensino como um todo.

Esta releitura e redimensionamento das problematizações permitirão uma análise mais abrangente se considerarmos:

- a) outros segmentos da escola (pessoal administrativo, operacional, Conselho de Escola) através dos seguintes instrumentos, registros e/ou práticas:
- descrições de um dia de trabalho dos diversos funcionários da escola;
 - entrevistas alternando os entrevistadores entre os diversos segmentos da escola (ex sobre disciplina: o que pensam os alunos, pais, equipe técnica, operacionais, professores...);
 - textos para leitura e reflexão dos vários segmentos;

(10) São Paulo, Secretaria Municipal de Educação - Diretoria de Orientação Técnica. Documento 2 Movimento de Reorientação Curricular, 1989.

Exemplo 2 - Cruzamento entre as problematizações dos professores e alunos por série.

Aspectos abordados pela escola	série	Fala dos Alunos	Fala dos Professores	Problemas	Contra-dições	Sugestões
pintura						
aula vaga						
salas de leitura						
disciplina						

c) outros fatores que interferem na dinâmica da escola, tais como, história da escola, política educacional vigente, diretrizes curriculares, exigências dos pais, que resultam num constante embate de diversas forças sociais, recorrendo-se a:

- mapeamento da localização da escola (mapas regionais, maquetes, vídeos caseiros, fotos, etc...);
- levantamento da história da escola relacionada à história da "comunidade" (álbums de eventos, reportagens sobre a esco

la publicadas em jornais de bairro, depoimentos de moradores antigos, de ex-alunos e antigos funcionários da escola);

- leitura e discussão dos documentos oficiais de S.M.E., problematizando-os à luz da realidade local;
- entrevistas com pais, através de questionários e/ou reuniões, sobre suas expectativas relativas à escola;
- resgate de atas de reuniões de pais de anos anteriores;
- resgate da história do Conselho de Escola na escola, através de atas, depoimentos e de documentos oficiais (Regimento das Escolas Municipais) aprovados e/ou revogados nas diferentes Administrações;

d) as relações no interior da escola incorporando a dinâmica escolar em toda a sua totalidade e dimensão social, até chegar à sala de aula; e

e) visão de mundo que os educandos, educadores

e demais segmentos têm e como estas percepções se manifestam no cotidiano escolar, como se concretizam valores, símbolos e significados (11), através dos seguintes instrumentos, registros e práticas:

- leitura e discussão de textos de linguagens diferentes (literatura, quadrinhos, slides...);
- discussão de filmes que têm a escola como tema (Conrack, Sociedade dos Poetas Mor-

(11) As considerações arroladas nos itens d e e contemplam o que Jackson, segundo Michael Apple, em seu livro Ideologia e Currículo, chama de currículo oculto. Currículo oculto, no dizer deste estudioso, são as "normas e valores que são implícitas porém efetivamente transmitidos pelas escolas e que habitualmente não são mencionados na apresentação feita pelos professores dos fins ou objetivos", que na escola se traduzem em diferentes situações e dis cursos: a forma como a escola organiza seu espaço, a disposição das carteiras, o relacionamento entre professores e alunos, os nomes das séries, os nomes masculinos antes dos femininos, a organização das fi las, o "cala-a-boca" da classe, o uniforme, a arrecadação do dinheiro, o discurso da higienização, a falta de espaços comunitários, o valor das notas, o código de disciplina, etc, etc...

- tos, etc...);
- plenárias de alunos, pais e educadores;
 - discussão de vídeos relativos à escola (Do na Escola);
 - organização de painéis com cartazes sobre a escola;
 - exercícios "o que está por trás" (o que há por trás da disciplina; o que há por trás dos atuais conteúdos, etc...);
 - vídeos caseiros (gravar em vídeos uma reunião de comissão de classe e discuti-la posteriormente);

Exemplo: A partir da leitura de uma história em quadrinhos, que conta a fuga de uma criança, colocar algumas questões, em aberto, para que os educandos possam se expressar a respeito do valor e do papel da escola, do porquê as crianças querem fugir da escola, das relações de poder... Estas questões deverão ser feitas de tal forma que o aluno tenha que se colocar no lugar do personagem, responder como se estivesse falando por

ele.

2. Busca de informações e coleta de dados na "comunidade" local

"O estudo da realidade local implica em reconhê-la num determinado tempo... Possui uma história ainda que reduzida. Esta história deixou suas marcas nas memórias e nos arquivos, mas também na paisagem. Objetos e edifícios são testemunhas de existências anteriores. São os laços de união entre passado e presente. Afirmam a influência do primeiro sobre o segundo... E estes vestígios permitem situar a criança frente à realidade do passado". (12)

Conhecer a "comunidade" local e compreender a realidade é muito mais complexo do que aquilo que está codificado numa "lógica do espaço" ou na "linguagem dos fatos". É uma busca

(12) Luc, Jean Noel in O estudo do meio como trabalho integrador das Práticas de Ensino de Elza Nadai, Nidia N. Pontuschka e Rosa Kulesar.

no movimento das interações sociais. Neste sentido, este estudo, pressupõe que as pessoas envolvidas adotem uma dupla postura, a de observador crítico e participante ativo, que se configura num constante problematizar, devolver e discutir dados e interações com a "comunidade", com vistas ao desvelamento do cotidiano vivido.

Do ponto de vista prático, apresentamos alguns passos para a construção deste estudo:

a) Reconhecimento do espaço social: este momento constitui-se numa primeira saída do grupo-escola a fim de simplesmente arrolar tudo o que a comunidade dispõe em termos de arquivos, memórias, objetos, paisagens, instituições, características gerais do bairro... Este reconhecimento é que se configura como o objeto de estudo.

b) Contato com diversas entidades que forneçam dados, sejam eles estatísticos ou históricos (Museus, Bibliotecas, Superintendência Regional do Bem Estar Social, Secretaria Municipal de Planejamento, Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística, Movimentos Sociais, Jornais de bairro...).

Cabe também lembrarmos que a realidade local mantém obrigatoriamente uma relação dialética de inserção na realidade regional mais ampla. Neste sentido, a busca de dados e contatos com entidades pode lançar mão de informes veiculados nos grandes jornais, diários e revistas especializadas que, por sua vez, se apoiam em pesquisas de instituições especializadas, procurando discernir o grau de seriedade e confiabilidade de cada uma dessas fontes. Estudar, portanto, uma realidade local do Município de São Paulo e da Grande São Paulo, pressupõe conhecer um pouco mais alguns dados da totalidade deste Município. Veja o quadro a seguir, recolhido de um jornal de grande circulação, a respeito da urbanização da cidade, com vistas à discussão do novo Plano Diretor para São Paulo.

A urbanização de São Paulo

Como a cidade está	As propostas do novo plano
Habituação	
<p>28% da população, três milhões de pessoas, vivem em cortiços.</p> <p>O crescimento populacional na região central da cidade passou na última década de 1,26% ao ano para 4,50%.</p> <p>A partir de 1981 os bairros mais distantes, como Capela do Socorro, Itaquera, Parêiteros e Campo Limpo, passaram a crescer 3,78% ao ano.</p> <p>Cresce o número de favelas.</p> <p>900 loteamentos clandestinos em áreas de mananciais.</p>	<p>Ocupação do solo compatível com a infra-estrutura e o sistema viário.</p> <p>Os custos da ocupação serão pagos por quem lucrará com a expansão da cidade.</p> <p>Facilitar o acesso à terra e à moradia.</p> <p>Conter a ocupação da área dos mananciais.</p> <p>Regularizar os loteamentos clandestinos já povoados.</p>
Urbanização	
<p>A cidade tem 26,5% de áreas públicas vazias (611 milhões de m² dos terrenos privados e públicos).</p> <p>144 milhões de m² pertencem à iniciativa privada e 8,8 milhões m² são de propriedade pública (municipal, estadual e federal). O bairro da Barra Funda tem 30% de sua área desocupada.</p>	<p>Estabelecer o destino das áreas não ocupadas e indicar sua função social.</p> <p>Nem todo terreno desocupado será parcelado (dependendo do tamanho, localização e topografia).</p> <p>Parceladas, que chegam à desapropriação, para propriedades que desaproveitam o plano.</p>
Transportes	
<p>O transporte público é insuficiente e ineficiente.</p> <p>Falta de estrutura na periferia.</p> <p>Formação de pólos na área central.</p> <p>Conflito entre os transportes individual e coletivo.</p> <p>Falta de acessos para os meios de transporte.</p> <p>Falta de articulação entre moradia, trabalho e pólos de serviço.</p> <p>Alto custo de implantação e operação.</p> <p>Perde-se muito tempo para deslocamentos na cidade.</p>	<p>Criar acessos ao transporte coletivo, ao comércio, serviços e locais de trabalho.</p> <p>Melhorar as condições de transporte e de circulação de veículos e pedestres.</p> <p>Reduzir o tempo dos deslocamentos obrigatórios da população.</p>
Meio Ambiente	
<p>Ocupação inadequada de áreas de reservas ou de recursos hídricos e de mananciais.</p> <p>Ocupação agressiva ao patrimônio ambiental com relação ao relevo, ao solo, à drenagem e à vegetação.</p> <p>Eliminação sistemática da vegetação.</p> <p>Polluição de toda rede hidrográfica, do solo e do ar.</p> <p>Alerações climáticas.</p> <p>Mais de 300 pontos de inundação.</p> <p>Erosão do solo.</p>	<p>Reduzir a poluição do ar e da água.</p> <p>Evitar enchentes.</p> <p>Aumentar as áreas verdes.</p> <p>Proteger e assegurar o acesso a todos os espaços naturais e construídos de valor ambiental e cultural.</p>
Infra-estrutura	
<p>Situação crítica no abastecimento de água e coleta de esgotos.</p> <p>54% do Município é servido por rede de esgoto. Do esgoto coletado somente um terço é tratado.</p> <p>Carência e má distribuição das redes de serviços e equipamentos (creches, postos de saúde, hospitais e escolas).</p> <p>Superlotação da rede de equipamentos em áreas periféricas e subaproveitamento em áreas mais povoadas.</p> <p>Má qualidade das instalações.</p>	<p>Obter uma distribuição mais equilibrada dos postos de saúde, creches, hospitais e escolas e serviços coletivos.</p> <p>Aumentar a eficiência econômica da cidade reduzindo e redistribuindo custos e reduzindo desperdícios.</p>

Fonte: O Estado de São Paulo - 20/08/90.

c) Roteiro de ação: a partir de todos esses dados e informações coletados e organizados, planeja-se, então, um roteiro de ação. Este planejamento inclui não só roteiro de pesquisa, como divisão de trabalho, seleção de materiais e equipamentos indispensáveis.

Este é o momento em que o grupo-escola decidirá sobre os diferentes instrumentos a serem utilizados (questionários, entrevistas, fotografias, vídeos, etc...). Decidirá também sobre o campo de estudo, cronograma das atividades, como coletar e como documentar aspectos do cotidiano.

d) Execução do trabalho propriamente dito: é a segunda saída já planejada e organizada do grupo-escola com o objetivo de buscar informações e coletar dados para reflexão sobre a "comunidade".

Nesta segunda saída, alguns cuidados deverão ser tomados:

- documentar o cotidiano daquele espaço social de modo a abranger o registro da história da região, mapeamento do local, mudanças ocorri

das e seu reflexo no cotidiano dos moradores, processos de ocupação do espaço, saneamento, topografia, tipos de moradia e possíveis contradições entre elas, pontos de referência do bairro e suas características, descrição das ruas, transporte, etc.. Neste momento, o grupo pesquisador, numa ação interdisciplinar, di men sionará a profundidade e a extensão desse estudo. (Equipes que já utilizaram vídeo ou fo to procuraram captar imagens que refletissem os aspectos acima mencionados, numa composição em que as imagens, a partir de um ponto de referência, como por exemplo a própria Escola, uma antena de emissora de televisão, re tratassem a ocupação do espaço, suas contradi ções, seus problemas, sua vida);

- estimular a fala dos entrevistados.

Ao recolher depoimentos, o grupo deverá ter o cuidado de perguntar sobre a percepção que eles têm do espaço, como se situam frente aos problemas que enfrentam...

Exemplos: - Como é morar neste bairro?

- Gosta de morar neste bairro? Por quê?

- O senhor considera este bairro violento? (muitas vezes as respostas dos moradores são diferentes das informações coletadas em organismos oficiais como por exemplo, considerar um bairro não violento quando esses mesmos órgãos apontam altos índices de violência).
- O que falta neste bairro para que você seja feliz? (recolher respostas que reflitam diferentes visões de mundo).

Obs.: O depoimento de moradores deve abranger homens e mulheres de diversas faixas etárias (velhos, adultos, jovens e crianças), bem como os diferentes segmentos daquela "comunidade".

- estar atento na busca dos dados e informações de forma a registrar as ações, interações, os fatos, as formas de linguagem e outras expressões que permitam uma configuração da

realidade estudada e de suas representações..
Como apoio a esse registro Eulina Pacheco Luf
ti (13) sugere o seguinte quadro:

1. Distinguir o falar posicionado

- a) opiniões pessoais;
- b) defesa de pontos-de-vista;
- c) exemplificações;
- d) explicações.

2. Distinguir uma concepção mais estática ou
mais dinâmica do mundo

- a) temporalidade (relações presente, passado, futuro), percepção e explicação das mudanças;
- b) percepção dos aspectos contraditórios dos fatos;
- c) relação entre esses aspectos contraditórios;
- d) fatalismo ou historicidade (atuação na vida, no grupo social; importância atriu

(13) Lutfi, Eulina P.. Ensinando Português, vamos registrando a história... São Paulo, E-dições Loyola, 1984.

buída à experiência; crença no destino; determinismo);

e) relação particular-universal

3. Distinguir a consciência que têm de sua situação no mundo (consciência pessoal e consciência de grupo)

a) aspirações, sonhos, lutas pessoais e coletivas;

b) falar por si; pelo grupo;

c) assunto dessas aspirações e dessas lutas.

4. Distinguir falar mais simbólico e falar menos simbólico

a) expressões de significação mais direta ou expressões multi-significativas (metáforas);

b) comparações: elementos constantes das comparações;

c) presença da natureza na simbologia utilizada (animismo);

d) presença do humor.

Exemplo: a partir das informações obtidas sobre os equipamentos sociais da região

onde se localiza a escola, verificar como a "comunidade" interage com eles (frequência ao posto de saúde e em que casos e por quê?, frequência ao bar, existência de pontos de encontro para conversas informais, visitas a bibliotecas, etc.);

- procurar obter dados e informações que permitam refletir contradições sociais da "comunidade" e as tentativas de lidar com elas. (Um dos NAEs, ao discutir a presença de um lixão próximo a moradias, percebeu o quanto a presença do mesmo não incomodava os moradores. Os problemas levantados eram de outra ordem);
- ter claro os limites de intervenção neste momento inicial.

Todo este trabalho de busca de informação e coleta de dados que, dependendo de cada escola, pode ter uma abrangência diferente é, segundo Eulina Lutfi (14), uma aventura no simples, no cotidiano, mas que não se restringe a

(14) Idem ao (13)

uma "viagem cultural", nem a uma "ilustração da realidade". É um momento da proposta que diante da realidade que se desvela, da rede de relações que atravessa a "comunidade", dos problemas, da percepção que a população tem de sua própria situação e perspectivas de mudança, acarreta ao grupo pesquisador sentimentos de surpresa, ânimo, desespero, tristeza... É preciso, pois, ter clareza dos limites da intervenção possível neste momento do trabalho. Neste sentido, Brandão (15) afirma "a aproximação exige paciência e honestidade, mas ao mesmo tempo tem que manter um recuo que permita uma reflexão crítica sobre a experiência em curso";

- Selecionar instrumentos de coleta de dados que permitam:
 - . captar o que o outro está pensando, sentindo ou dizendo, cujo registro não seja apenas um eco da própria pergunta;

(15) Brandão, Carlos Rodrigues (org.). Pesquisa Participante. São Paulo, Ed. Brasiliense, 4ª edição, 1984.

- . um diálogo que estimule a livre expressão de quem fala (neste sentido, instrumentos tipo pergunta/resposta são pouco viáveis);
- . abranger as diferentes dimensões do cotidiano de uma determinada "comunidade" envolvendo também sonhos, aspirações, projetos, realizações, etc...

De posse dos dados e das informações obtidas, o próximo passo é organizá-los para a análise.

IV - ESTUDO PRELIMINAR DA REALIDADE LOCAL: ALGUNS INDICADORES PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES E DOS DADOS

Como já dissemos anteriormente, estamos apostando numa escola cujo coletivo seja capaz de construir um currículo numa perspectiva crítica e que, resgatando o cotidiano, possibilitará não só compreender a realidade educacional como também reconhecer os diferentes significados das experiências vividas, tanto pela "comunidade" escolar como pela "comunidade" local.

Para análise desses dados e informações, extremamente ricos, contamos com alguns indicadores que norteiam essa análise, a qual permitirá uma maior aproximação da realidade. Para tanto, estamos propondo uma análise de conteúdo numa abordagem mais ampliada, como sugere Marli André (16): a análise de prosa. Segundo

(16) André, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Texto, Contexto e Significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. Caderno de Pesquisa, São Paulo (45): 66-71, Maio 1983.

os autores citados por Marli E. A. A. de André, entende-se por análise de conteúdo, uma técnica de redução de um grande volume de material, num conjunto de categorias. Enquanto este tipo de análise fragmenta as informações, classifica-as em categorias, analisa-as de forma lógica, objetiva e sistemática, a análise de prosa extrapola essa visão mais restrita resgatando não só o conteúdo manifesto e suas contradições como o não manifesto através dos relatos de experiências, das falas espontâneas e intuitivas, das expressões faciais e artísticas, das mensagens não intencionais, não verbais e não implícitas.

Este tipo de análise permite compreender os fenômenos, quase que por inteiro, contextualizados numa sociedade que lhes confere múltiplos significados e dimensões.

A análise coletiva desses dados e informações permitirá ao grupo-escola construir categorias de uma maneira mais flexível, não estática, de modo que possam frequentemente ser interpretadas, modificadas e/ou descartadas. Essas categorias irão surgindo ao longo do proceso, nunca perdendo de vista os princípios teóri

cos, os pressupostos da investigação e a ação pedagógica delineada pela escola, conferindo a este tipo de análise uma objetividade desejável.

1. Organização do material coletado

O material coletado pode ser organizado sob a forma de um "dossiê". Estamos entendendo por "dossiê", a propósito deste trabalho, a ~~anota~~ anotatória de todo tipo de registro dos dados, informações e impressões registradas. Nesse sentido, um "dossiê" é muito mais do que apenas anotações, por mais amplas que sejam, registradas em grossos volumes de papel. Um "dossiê" rico pode ser de álbuns de fotografias, livros de recortes de jornais, vídeos, registros de gráficos, depoimentos, sínteses de discussões, etc. Quanto mais completo for o "dossiê", mais próxima estará a possibilidade de conhecimento da realidade local. Um "dossiê" com essa natureza terá algumas funções básicas: a de registrar todas as informações e dados disponíveis; de, or

ganizando a problematização, dirigir a ação pedagógica que se quer; e uma função de auto-regular não só a problematização como também a ação pedagógica, uma vez que o "dossiê" estará sempre aberto a novos registros, a novas análises e a registros resultantes dessa ação pedagógica.

2. Relação entre a parte e o todo social

O estudo da realidade local da escola e da "comunidade" não pode estar desvinculada das determinações sociais mais amplas. Veja a esse respeito o que diz Kosik (17):

"Cada coisa sobre a qual o homem concentra o seu olhar, a sua atenção, a sua ação ou a sua avaliação, emerge de um determinado todo que a circunda, todo que o homem percebe como um pano de fundo indeterminado, ou como uma conexão imaginária, obscuramente intuída. Como o homem percebe os objetos isolados? Como únicos e absolutamente isolados? Ele os percebe sempre no horizonte de um determinado todo, na maioria das vezes não expres

(17) Kosik, Karel. Dialética do concreto. São Ed. Paz e Terra, 5ª edição, 1989.

so e não percebido explicitamente. Cada objeto percebido, observado ou elaborado pelo homem é parte de um todo, e precisamente este todo não percebido explicitamente é a luz que ilumina e revela o objeto singular, observado em sua singularidade e no seu significado".

Também a esse respeito, apontando a relação entre o micro e macrossocial, veja o que escreve Marli E. D. A. André (18), abordando a questão da pesquisa no cotidiano escolar:

"O que é necessário, em síntese, é tentar transcender o nível micro, acompanhando os diversos "fios" que vinculam às estruturas macrossociais, com o cuidado de não cair no outro extremo, ou seja, querer analisar uma realidade particular como uma "totalidade social", isto é, como uma situação que se esgote em si mesma.

A pesquisa precisa buscar estabelecer esta mediação entre o momento singular expresso no cotidiano escolar e o movimento social, o que, pa

(18) André, Marli E. D. Afonso de. A pesquisa do tipo etnológico no cotidiano escolar in Metodologia da Pesquisa Educacional de Ivani C. A. Fazenda (org.), São Paulo, Cortez Editora, 1989.

rece, só pode ser conseguido através de uma postura teórica muito consciente, de uma visão de escola muito definida e de um esforço analítico bastante árduo".

3. Objetividade e Subjetividade

A visão de mundo que cada pessoa tem, suas limitações pessoais, seus preconceitos e seus conhecimentos estarão sempre presentes em qualquer análise que se faça. Em qualquer situação e/ou problema analisado não existe neutralidade, nem mesmo objetividade absoluta. A realidade será sempre uma realidade parcial uma vez que, desde a coleta de dados e informações até sua análise, o foco estará sendo dirigido pelo coletivo do grupo-escola e pelos indivíduos que o compõem. A este respeito, Marli E. D. A. de André (19) nos esclarece:

(19) André, Marli E. D. Afonso de. A pesquisa do tipo etnológico no cotidiano escolar in Metodologia da Pesquisa Educacional de Ivani C. A. Fazenda (org.), São Paulo, Cortez Editora, 1989.

"A orientação teórica do pesquisador, sua experiência anterior, seu grau de imersão nos dados, seus valores, suas crenças e perspectivas podem orientar o foco da investigação para aspectos mais concretos ou concepções mais abstratas,... Como afirma Stake (1981), a interação do pesquisador com o objeto pesquisado se torna algo único em cada estudo de natureza qualitativa. É preciso pois levar em conta que o processo de categorização do material qualitativo vai envolver não só conhecimento lógico, intelectual, objetivo, mas também conhecimento pessoal, intuitivo, subjetivo, experiencial".

Entretanto, há certos procedimentos que nos auxiliam a buscar uma socialização de leituras, impressões e análises objetivando-as. Registramos a seguir dois desses procedimentos:

a) trabalho coletivo e interdisciplinar - é ele o grande termômetro do estudo de qualquer contexto. O intercâmbio de diferentes visões e de formas diferentes de se interpretar a realidade permite que se chegue a uma visão mais rica e ampla;

b) "Atitude de estranhamento" (20) - esta atitude de traduz-se numa atenção constante do grupo pesquisador de transformar o conhecido, o familiar em "estranho", num processo de busca de categorias de análise sob diferentes prismas.

Outro indicador da análise refere-se aos conteúdos não manifestos. A análise do conteúdo das informações obtidas não deve ficar restrita ao conteúdo manifesto. É de extrema importância a exploração de "mensagens implícitas, intencionais e não intencionais, verbais e não verbais, alternativas ou contraditórias" (21) presentes nos depoimentos da comunidade. Há uma rede de relações que perpassa a "comunidade" toda que precisa ser desvelada. Nessa linha, com vistas

(20) Termo cunhado por Marli E. D. Afonso de no texto A pesquisa do tipo etnológico no cotidiano escolar in Metodologia da Pesquisa Educacional de Ivani C. A. Fazenda (org.), São Paulo, Cortez Editora, 1989.

(21) André, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Texto, Contexto e Significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. Caderno de Pesquisa, São Paulo (45): 66-71, Maio 1983.

ao estudo da concepção de mundo de pesquisadores e pesquisados, o quadro sugerido por Eulina Pacheco Lutfi e reproduzido anteriormente po de ser retomado.

4. Um sistema de categorias: o que é e como elaborá-lo.

Um sistema de categorias pode ser entendido como mais um instrumento de trabalho do pesquisador participante. Este sistema é um tipo de codificação que permite um agrupamento mais amplo das informações obtidas, conforme sua natureza, de modo que sejam captados os ângulos mais significativos das situações observadas. Trata-se de um primeiro passo no encaminhamento da análise que permitirá, através dos agrupamentos, o levantamento de hipóteses acerca das possíveis situações significativas, das quais surgirão os temas geradores.

Como esse processo de análise qualitativa é complexo, a construção de categorias de análise não se restringe a um conjunto de re-

gras pré-fixadas a serem seguidas, mas indicações de caminhos:

- a) conhecer a história da "comunidade" que está sendo estudada;
- b) todas as pessoas envolvidas na análise deverão ler todo o material coletado, procurando interpretá-lo;
- c) discutir em grupo as leituras e os limites da coleta de dados e informações obtidas até o momento;
- d) construir, em grupo, considerando-se as leituras e análises individuais, categorias amplas, a partir da natureza das informações disponíveis, que permitam organizar o material englobando uma série de informações e dados numa só categoria. Uma outra forma de se construir categorias é através da leitura exhaustiva das anotações que permitirá evidenciar os elementos e as tendências mais significativas.

A testagem das categorias propostas pode ser levada a efeito verificando-se o número de informações e dados disponíveis que se encaixem nela. Estas categorias serão mais preci-

sas quanto maior for o número de informações que ela abranger. No entanto, cabe ressaltar que nem sempre a totalidade das informações coletadas é assimilada pelas categorias propostas pelo grupo. As informações não incluídas nestas categorias serão "reservadas" e retomadas para uma avaliação com objetivos de se verificar: se a natureza das mesmas merece uma reconsideração e, conseqüentemente, a construção de novas categorias; se elas "derrubam" as categorias propostas, obrigando o grupo a recomeçar o trabalho; ou se elas devem ser descartadas.

Vejamos, a seguir a descrição de um processo de elaboração de um sistema de categorias, feita a partir da Problematização dos Alunos da Rede Municipal de Ensino realizada no início deste ano. Nesta descrição, a título de exemplificação da construção de um sistema de categorias, seguiremos os passos apontados neste tópico.

Elaboração de um sistema de categorias para análise de informações e dados recolhidos

na fala dos alunos da Rede Municipal de Ensino, escolas de primeiro grau.

a) breve histórico

- . Rede Municipal de Ensino de São Paulo
- . Movimento de Reorientação Curricular (início em 1989)
- . Problematização dos alunos das escolas municipais de 1º grau (1990)

b) . organização do material coletado

- todas as "falas" foram lidas (inicialmente, nenhuma "fala" foi desprezada)
- tabulação das "falas" por agrupamentos (ex: como o aluno percebe a escola, como ele a deseja; falas relacionadas à estrutura física e estrutura curricular, etc...)
- . leitura de todo material por todos os "pesquisadores-analisadores"

c) . discussão em grupo, com vistas à construção de categorias, de

- limites das informações e dados coleta-

dos através das falas

- limites impostos pelas condições pessoais/formação
- utilização do material coletado (todo ou parte)

d) . construção das categorias

- início das discussões e propositura de categorias
- discussão da clareza, abrangência, validade e pertinência das categorias propostas
- consenso grupal em relação às categorias
- durante a construção das categorias pode-se ampliá-la (para abranger mais "falas"), reduzi-la ou descartá-la
- algumas categorias são mais difíceis de serem definidas e construídas
- exemplos de categorias construídas, durante este processo:
 - Função da Escola (percebida e desejada) abrangeu falas relativas à aquisição do conhecimento, o conhecimento enquanto instrumentalização para a par-

participação de uma sociedade letrada, ascensão social, formação de atitudes, convivência social, preparo para o trabalho, prestação de outros serviços envolvendo assistência aos educandos guarda e recreação.

- Estrutura Física (percebida e desejada) envolveu as falas relativas a: estrutura do prédio, conservação, segurança, higiene.
- Estrutura Curricular (percebida e desejada) foi subdividida em sub categorias como por exemplo:
 - Conteúdos - fragmentação, significado que o mesmo tem ou não no cotidiano do aluno, questões relativas à aplicação do conhecimento, sugestões dos alunos de inclusão de outros conteúdos; metodologia; avaliação; relação professor-aluno; relação aluno-aluno; relação aluno-equipe técnica; relação aluno-funcionários sempre abrangendo

as falas dos alunos relativas ao percebido e ao desejado. A relação escola-comunidade agrupou as aspectos relativos à participação: financeira, no acompanhamento do rendimento escolar, nas decisões da escola, na socialização dos recursos da escola; recursos humanos e recursos materiais; organização da escola; estruturação do sistema disciplinar.

Cada sub categoria construída abrangeu uma série de "falas" e informações dos alunos sendo necessário em alguns momentos inclusive especificar se as informações se referiam às séries iniciais, finais, noturno ou supletivo.

O processo de construção das categorias exige disponibilidade das pessoas envolvidas para ler, interpretar, discutir, estudar, reler, comparar... É interessante reafirmar que esta elaboração de categorias é, também, um processo de mão dupla: ao mesmo tempo em que as cate

gorias são definidas a partir do material coletado (e não a priori), elas voltam e ajudam os pesquisadores-analisadores a melhor compreender e analisar o material, ou seja, as categorias estão para o material coletado, como o material coletado está para as categorias, ambos direcionando-se mutuamente.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO FIM DESTE CADERNO PARA O COMEÇO DO TRABALHO NA ESCOLA

A construção de categorias de análise do material coletado não tem fim em si mesma. A leitura, interpretação e discussão do material coletado e analisado permitirá evidenciar as situações mais significativas da "comunidade". A partir dessas situações significativas, sempre em processo de discussão, os educadores chegarão aos temas geradores. Isto será tratado no próximo Caderno de Formação desta série.

Uma última e breve consideração. O estudo preliminar da realidade local deve mesmo ser entendido como preliminar, de um processo contínuo de estudo e aproximação de situações concretas com os conhecimentos que a expliquem e ajudem a superá-la. Evidentemente, trata-se de um processo de amplitude e para o qual a escola não está preparada de modo ideal. Há limites por todos os lados: pelo lado da estrutura burocrática que pouco conseguimos mudar e pelo lado da nossa formação profissional, tanto no fazer específico quanto no coletivo.

No entanto, estamos, novamente, convidando os educadores para atos de ousadias: um trabalho de natureza interdisciplinar que supõe disposição física e intelectual para ler, pesquisar, ouvir, discutir, ensinar e aprender; que supõe, também, disposição para o diálogo; e que não esconde críticas, auto-críticas, tensões, conflitos, mas procure trabalhar com eles.

BIBLIOGRAFIA

- APPLE, Michael. Idelogia e Currículo. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983, 1ª edição.
- ANDRE, Marli Eliza D. Afonso. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. Cadernos de Pesquisa, São Paulo (45): 66-71, Maio 1983.
- ANDRE, Marli Eliza D. Afonso. A pesquisa no cotidiano escolar in metodologia da Pesquisa Educacional. Evani C. A. Fazenda (org.), São Paulo, Cortez Editora, 1989.
- Carlos Rodrigues Brandão (org.). Pesquisa Participante. São Paulo, Ed. Brasiliense. 4ª edição, 1984.
- FREIRE, Paulo e MACEDO, Donald. Alfabetização - leitura do mundo - leitura da palavra, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1990.
- Fundação Cenafor. Seção de Multimeios da Coordenadoria de Pesquisa e Apoio Técnico - COPAT - Seção de Pesquisa. Educação e Trabalho: uma experiência em questão. Rio Branco-

Acre, 1984.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1972.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. São Paulo, Editora Paz e Terra, 5ª edição, 1989.

LUTFI, Eulina Pacheco. Ensinando português, vamos registrando a história..., São Paulo, Edições Loyola, 1984.

NADAI, Elza, PONTUSCHKA, Nídia Nacib e KULESAR, Rosa. O "Estudo do meio" como trabalho integrador das práticas de ensino. Subsídio fornecido aos NAEs em reuniões de assessoria por Nídia N. Pontuschka.

SILVA, Teresinha Maria Nelli. A construção do Currículo na Sala de Aula: O Professor como Pesquisador, São Paulo: EPU, 1990.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Prefeita - Luiza Erundina de Sousa

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Secretário - Paulo Reglus Neves Freire

DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA

Prof^a Ana Maria Aparecida Avella Saul

Este documento foi produzido a partir do trabalho coletivo proposto e desenvolvido pelas equipes pedagógicas da Diretoria de Orientação Técnica e dos Núcleos de Ação Educativa, pelos assessores da USP, UNICAMP e PUC e pelos educadores das escolas piloto.

São Paulo, outubro de 1990.

Tiragem: 10.000 exemplares

